



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

SUPERINTENDÊNCIA DO PLANO DE VALORIZAÇÃO ECONÔMICA DA AMAZÔNIA

Doado por Museu Zeldis

ARNO MESCHKAT

AS MALHADEIRAS DE PESCA



SPVEA

SETOR DE COORDENAÇÃO E DIVULGAÇÃO

BELÉM — PARÁ — BRASIL

1958

O opúsculo que se vai ler é a segunda publicação, no gênero, feita pela Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, com o auxílio da Missão FAO/UNESCO, que lhe integra o programa de trabalho na região.

Também como a primeira, — “Preparação e Salga do Pirarucú”, de autoria do técnico Antonio Torres Botelho, — é esta um manual de ensinamento popular, escrito em linguagem clara, simples, para pescadores da região amazônica.

O autor, Arno Meschkat, doutor em ciências naturais pela Universidade de Hamburgo, é um perito internacional de grande nomeada, com larga experiência em problemas relativos à técnica, entrosamento, estocagem e indústria de pesca.

Chegou a Belém no dia 3 de Maio de 1956 e entre os seus numerosos trabalhos já realizados no Brasil e apresentados à SPVEA, figuram dois substanciosos relatórios: um sobre a pesca no lago Arari e outro sobre a pesca na região do Salgado.

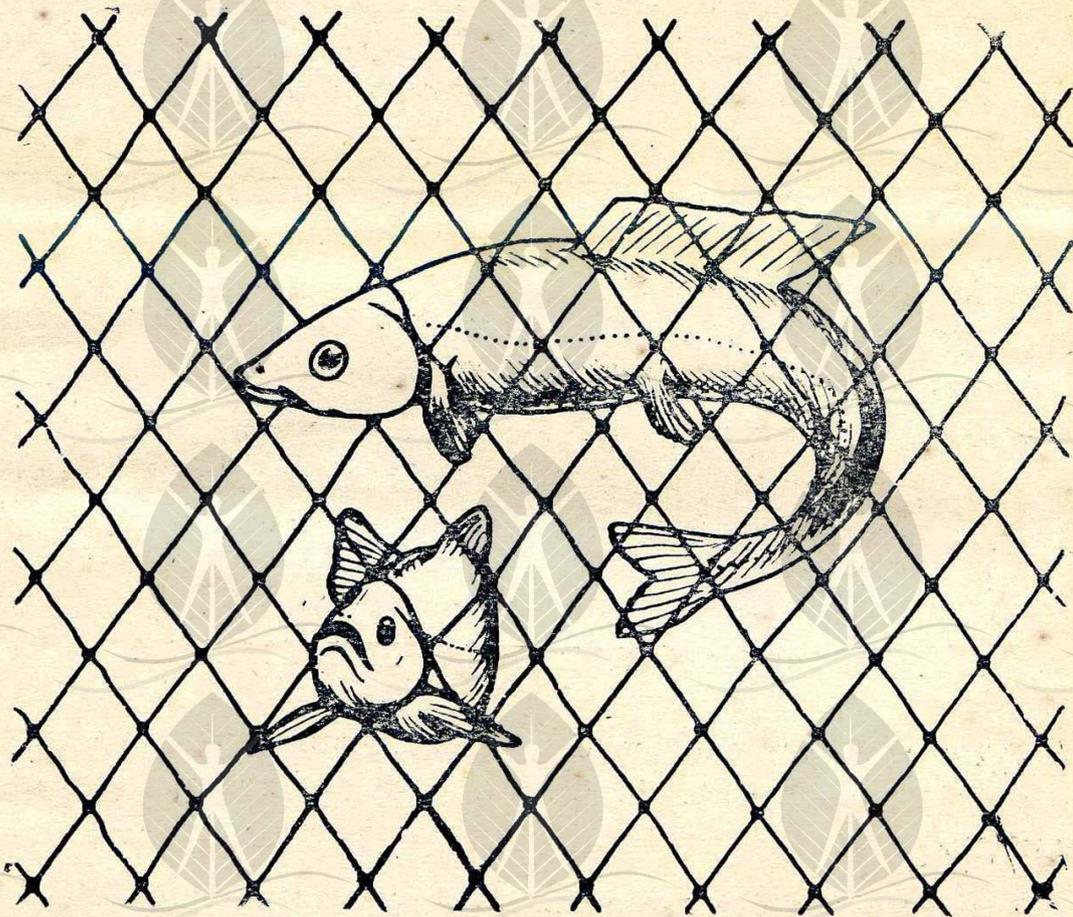
Antes de vir para Belém (1945/1953), serviu como Administrador-Chefe da Associação de Pescadores de Schleswig-Holstein, orientando os seus 4.000 membros em tarefas de pescaria interior e marinha.

Êsse, o técnico internacional a quem a SPVEA confiou um de seus mais importantes setores de desenvolvimento econômico da região.

A PESCA COM MALHADEIRAS (Rêde de guelra)

Malhadeiras são rêdes de pesca muito simples, retangulares, de linha muito fina, que apanham o peixe pelas guelras, quando êste tenta passar pelas malhas.

Desenho n.º 1



O PEIXE É APANHADO PELAS GUELRAS. OS PEIXES GRANDES EMBRULHAM-SE NA RÊDE.

As malhadeiras podem ser feitas de algodão, sêda, linho, cânhamo e de qualquer outra fibra da qual se possa extrair uma linha fina, ou das modernas linhas químicas: Perlon,

Nylon e Kapron. **Quanto mais fina a linha, tanto mais peixe apanha.**

Até agora, as malhadeiras que têm obtido os melhores resultados são as feitas de fio em forma de arame (não desfibrável, porém monofil ou sólido), porque são quase invisíveis na água.

Há diferentes espécies desses materiais; são chamados: Platil, Nylon e Kapron, ou têm outras denominações que lhes são dadas pela indústria química. Platil e Perlon são fabricados na Alemanha; Nylon é fabricado nos Estados Unidos da América do Norte e no Brasil; e Kapron, na Rússia. O Japão usa os nomes Kuralone e Manvo, para fibras semelhantes. Contudo, diferem em solidez, flexibilidade, maciez do fio e em outras características.

Rêdes de fibras naturais, tais como algodão e outras, têm que ser tingidas com murucú, cumatê, mangue ou tintura congenere para evitar o apodrecimento. Depois da pesca, têm que ser postas a secar com cuidado. Apesar disto, duram pouco tempo, o mais das vezes um ou dois anos.

Rêdes de matéria química, tal como Platil, não apodrecem. Não precisam ser tingidas ou secadas depois da pescaria. **Pelo contrário, não devem ser expostas ao sol.** Na canoa, devem ser cobertas.

1. COMO SE FAZ UMA MALHADEIRA

O tamanho das malhas deve ser o mesmo em toda a extensão da rêde e depende do tamanho do peixe que se quer apanhar.

Uma malhadeira pode ter qualquer comprimento ou altura. A experiência, porém, tem demonstrado que o trabalho na canoa se torna mais difícil se ela exceder de 20 metros de comprimento por 1 1/2 metro de altura.

No caso de se precisar de rêdes maiores e mais altas para uma finalidade especial, pode-se juntá-las.

Malhadeiras podem ser facilmente tecidas à mão. O mais importante, porém, é que os nós estejam bem apertados, que não escorreguem.

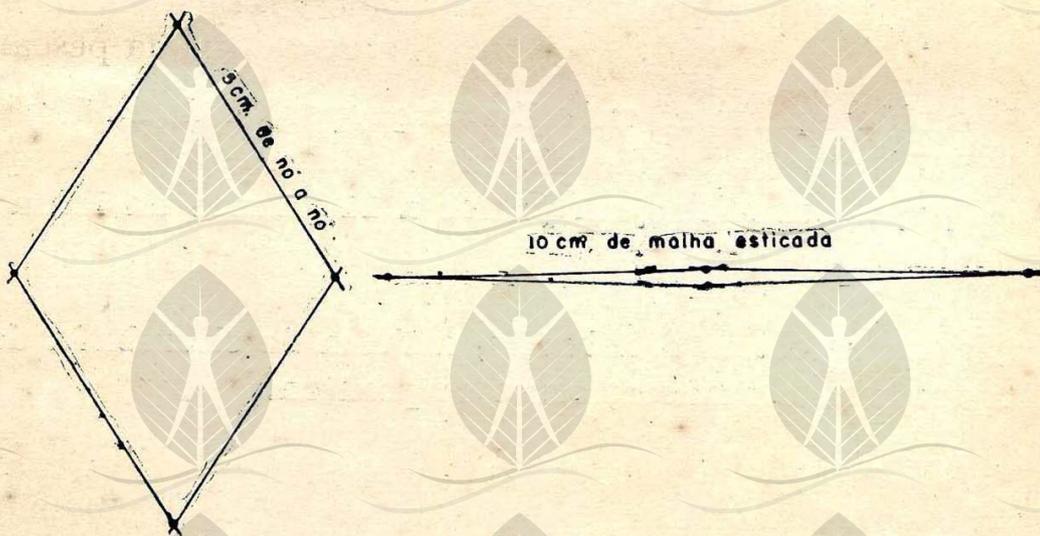
Tecer à mão linhas químicas, de sorte que o nó não escorregue, é muito mais difícil do que tecer linha de fibra têxtil, por exemplo, de algodão.

A maior parte dos pescadores prefere, portanto, comprar o tecido químico feito à máquina. A indústria de tecelagem é capaz de dar um tratamento especial às peças, depois de tecidas, o que impede os nós de escorregarem.

Se um pescador quiser comprar uma malhadeira ou o tecido, deve indicar ao representante comercial o tamanho da malha em centímetro, o comprimento e a altura em metros ou a quantidade de malhas.

Para o tamanho da malha, deve especificar se mediu de nó a nó, ou se o fez com a malha esticada.

Desenho n.º 2



O comprimento da malhadeira é o mesmo da linha de cortiça (bóia).

A peça é adaptada frouxa, escorregadia, a uma linha fina, de grossura não superior à do fio da rêde.

Esta linha é presa à linha de cortiça por entre as malhas, de sorte que estas deslizam sôbre a linha fina.

Normalmente, a rêde de malha é presa à linha na proporção de 1 : 2, isto é: duas medidas esticadas do tecido presas a uma medida do entralhe.

Desenho n.º 3

Para uma rêde de 20 metros de comprimento utilize-se, portanto, 40 metros de peça esticada.

Rêdes de fibra, para se tornarem mais densas na água, devem ter os fios presos mais frouxos, quer dizer, mais tecido de malhas no entralhe. Por eexmplo: 2 1/2 palmos em um palmo de entralhe, ou, o que é o mesmo, 5 palmos de tecido esticado em dois palmos de entralhe.

A linha de chumbada deve ser 10% maior que a linha de flutuação.

Se a rêde é presa ao entralhe na proporção de 1 : 2, prenda-se, então, a linha de chumbada de tal maneira que 20 palmos da peça esticada sejam presos a 11 palmos da linha de chumbada.

Quando se estica o entralhe, a linha de chumbada deve pender levemente sinuosa, como serpentina.

Desenho n.º 3

Aqui é a extremidade da rede

Prenda a primeira malha numa
distância de meia malha da
extremidade

1 palmo de entralhe

Assinale de palmo a palmo

Linha de entralhe

Amarre aqui

Amarre aqui

Amarre aqui

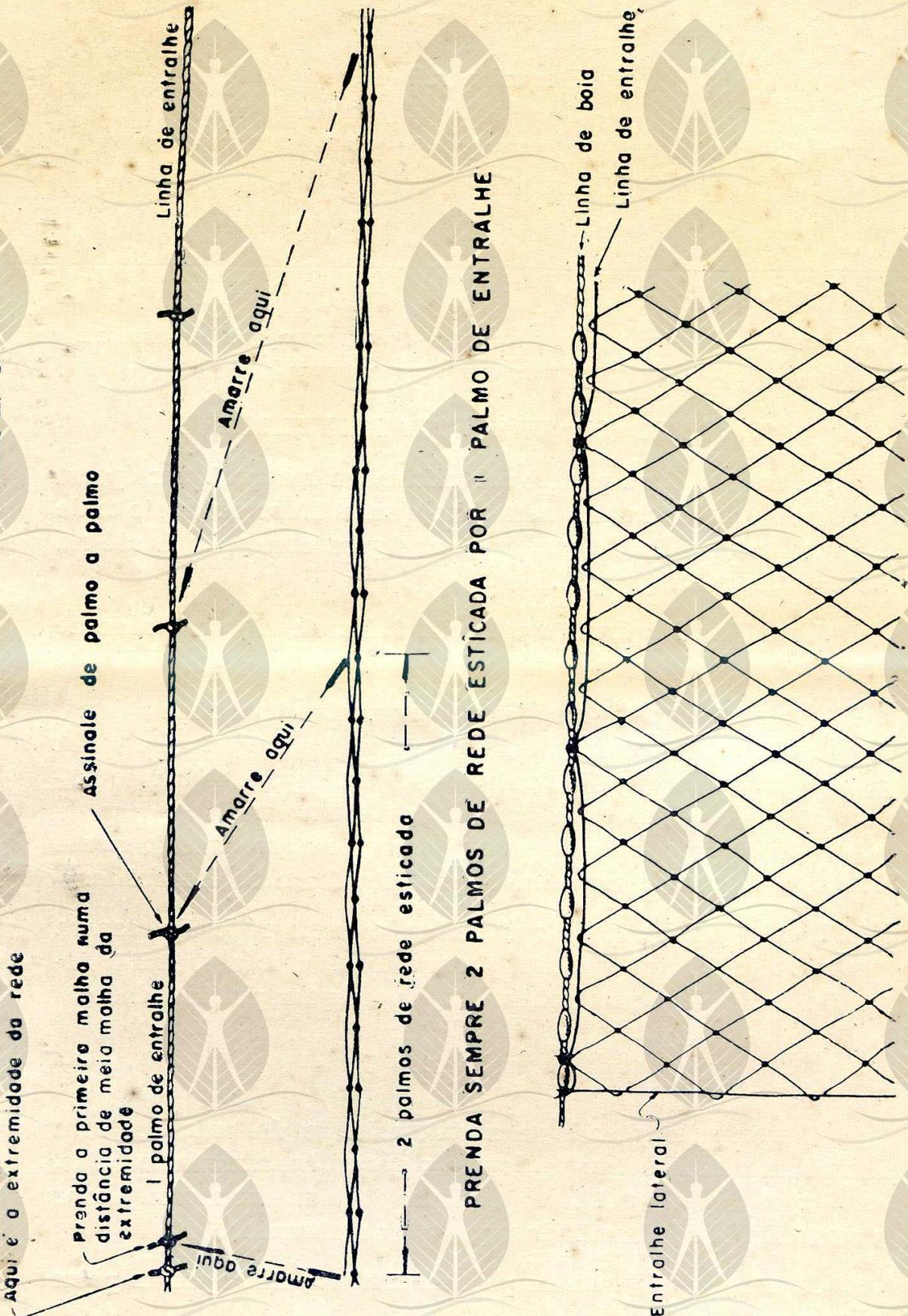
2 palmos de rede esticada

PRENDA SEMPRE 2 PALMOS DE REDE ESTICADA POR 1 PALMO DE ENTRALHE

Linha de boia

Entralhe lateral

A REDE JÁ PRONTA



Desenho n.º 4



A LINHA DE BOIA SE MANTÉM RETESADA, ENQUANTO QUE A LINHA DE CHUMBADA SE MANTÉM FROUXA

2. COMO SE USA UMA MALHADEIRA

As malhadeiras podem ser utilizadas em qualquer época, em águas profundas ou rasas, em quase todos os locais onde haja peixe, em águas paradas, em águas correntes, e até na floresta alagada (igapó).

A malhadeira é um apetrecho “silencioso”, uma rêde de espera.

Não se move, porém pende simplesmente submersa na água. O peixe vem à rêde e prende-se por si mesmo quando tenta passar pelas malhas. E’, entretanto, um aparelho muito eficiente. Não há peixe que, pondo a cabeça na malha, possa escapar. Por outro lado, é um apetrecho seletivo. Seleciona um tamanho especial, num cardume de diferentes tamanhos.

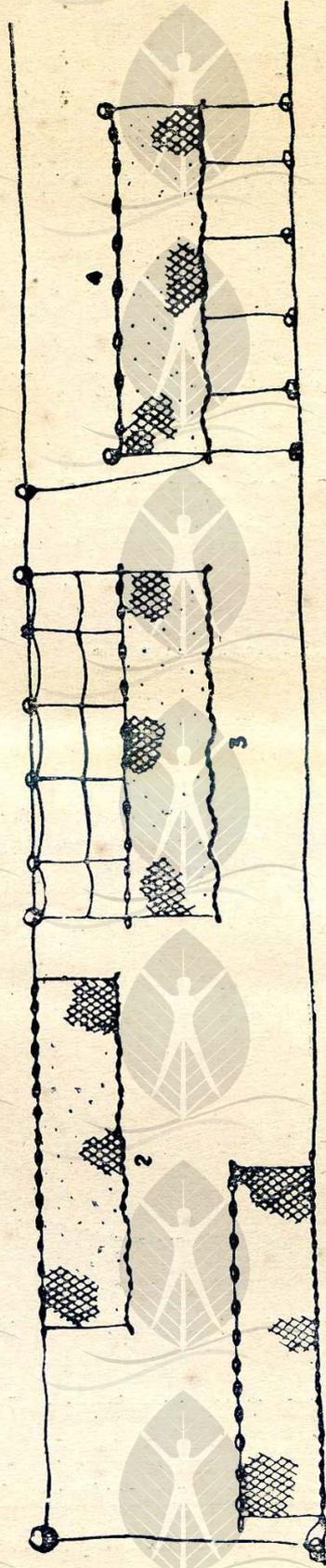
A malhadeira pode ser utilizada como rêde de espera posta no leito, como rêde flutuante imediatamente sob a superfície, com bóias ou pendentos, a qualquer profundidade.

Desenho n.º 5

Geralmente prende-se a extremidade do entralhe com linhas especiais a alguma árvore ou arbusto, também a bóias, conforme o local; entretanto, não se deve esticar muito (raras vezes a linha de chumbada tem de ser amarrada).

Se a rêde é levantada pela correnteza, não apanha peixe algum.

Desenho n.º 5



- 1) MALHADEIRA DE LEITO
- 2) MALHADEIRA FLUTUANTE
- 3) MALHADEIRA A MEIA ÁGUA PRESA POR BOIAS
- 4) A MALHADEIRA A MEIA ÁGUA SEGURA POR POITAS (PEDRAS)

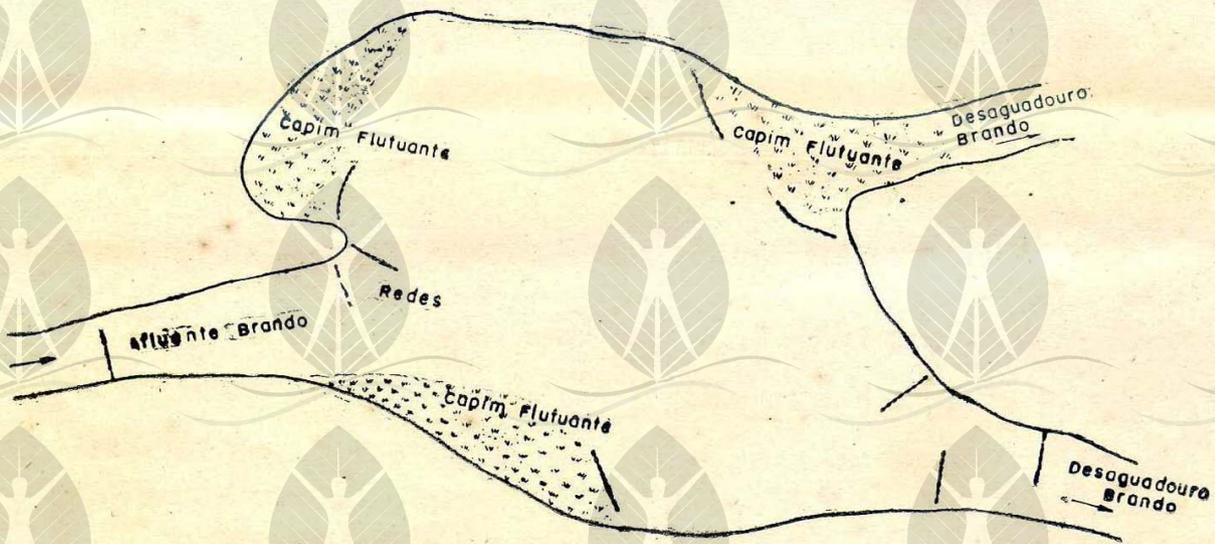
a) A pesca nos lagos

Na região amazônica, o pescador pode trabalhar no fundo dos lagos, com rês de espera, durante o dia.

Nalgumas localidades, pode, entretanto, ser útil trabalhar com rês flutuantes à superfície, especialmente à noite. Isto depende do comportamento do peixe que se quer pegar. Muitas espécies, que vivem no fundo, gostam de vir à tona durante a noite.

O pescador escolhe o local para a malhadeira, de acordo com sua experiência, onde o peixe passa em cardumes maiores e interpõe a rês no caminho do peixe.

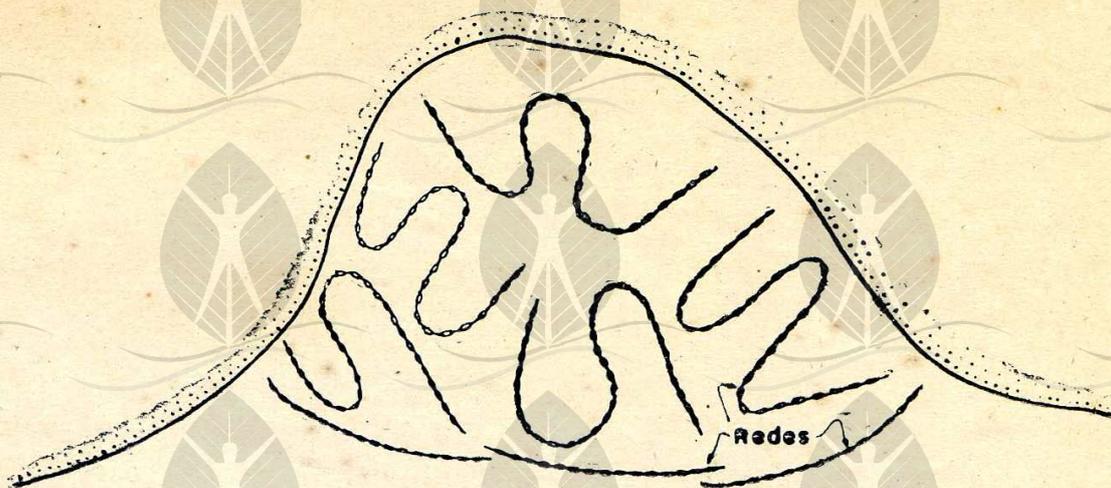
Desenho n.º 6



SUGESTÕES PARA SENTAR MALHADEIRAS NUM LAGO

Se o pescador encontra um cardume de peixes em uma enseada isolada pode cercá-lo silenciosamente com malhadeiras, e, em seguida, jogar algumas outras sinuosamente dentro do cardume. Com esta técnica apanha até o último peixe.

Desenho n.º 7



APANHANDO UM CARDUME EM UMA ENSEADA

Se sabemos que há cardumes migratórios passando pelo meio do lago, ou se a praia é inadequada (por causa das canaranas), tentaremos apanhá-los ao largo do lago.

Lançamos as rês onde esperamos os peixes, porém, não só interceptando-lhes o caminho, mas, igualmente, junto dos lados da passagem do cardume.

As rês laterais podem ficar direitas ou, ainda melhor, recurvas.

Desenhos n.º 8 e n.º 9

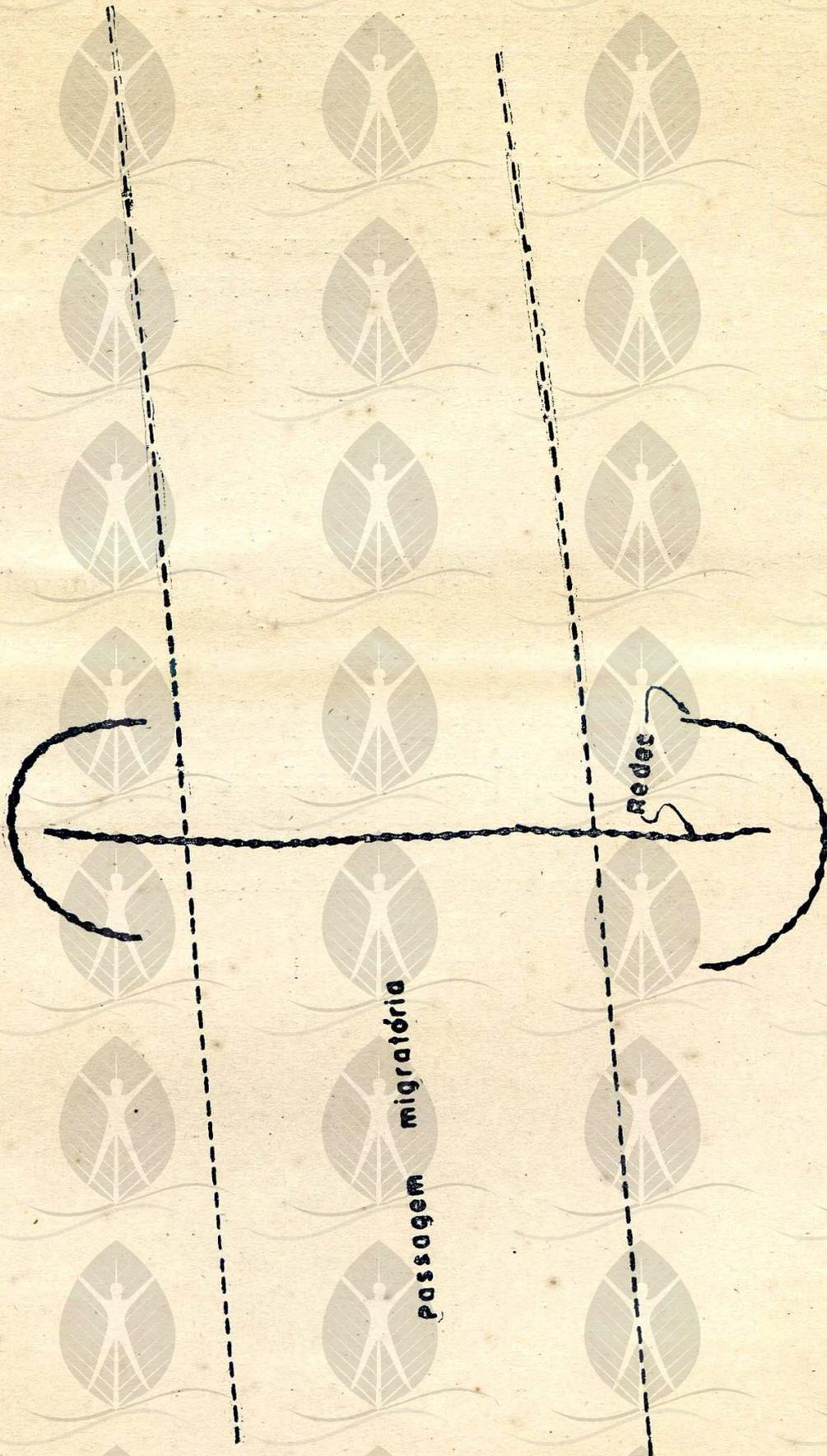
(PAGINAS 14 E 15)

Se queremos sondar a que altura os cardumes migratórios estão transitando num lago profundo, estenderemos as rês uma atrás da outra, em diferentes profundidades. Isto opera muito mais facilmente que se fizéssemos uma barragem alta de rês, ligando-as uma à outra.

b) Pescar na correnteza

Na correnteza branda, as malhadeiras podem ainda operar como uma rês de espera normal se a linha de chumbada for ligada a poitas e a linha de bóias estiver flutuando.

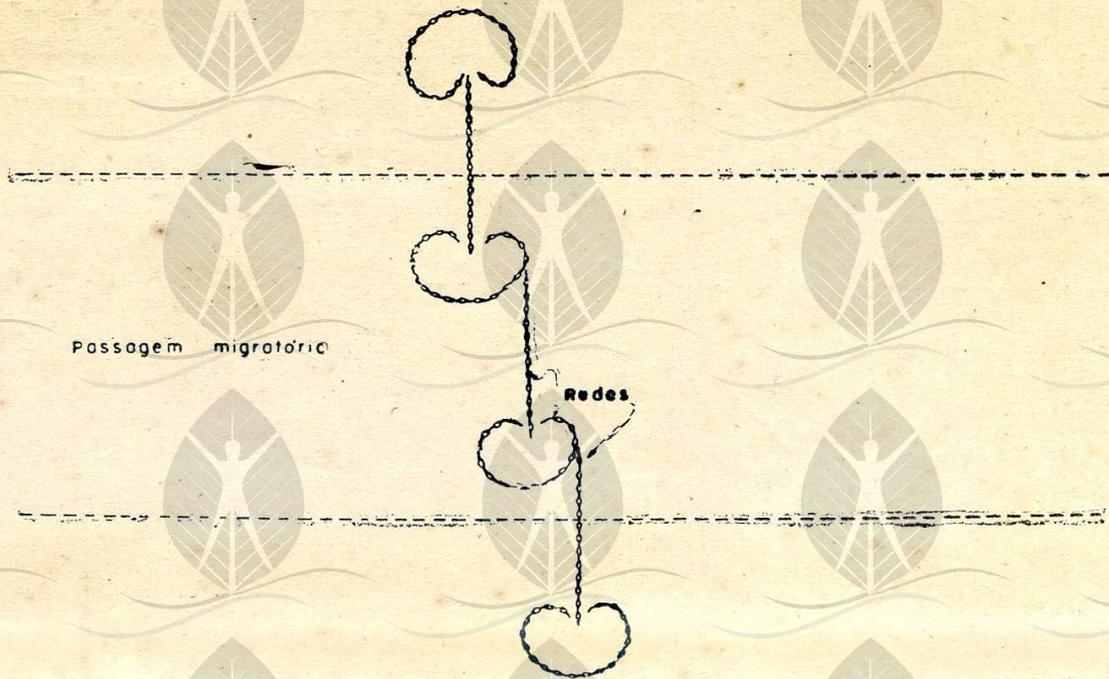
Desenho n.º 8



(1)

COMO APANHAR CARDUMES MIGRATÓRIOS EM LAGO ABERTO

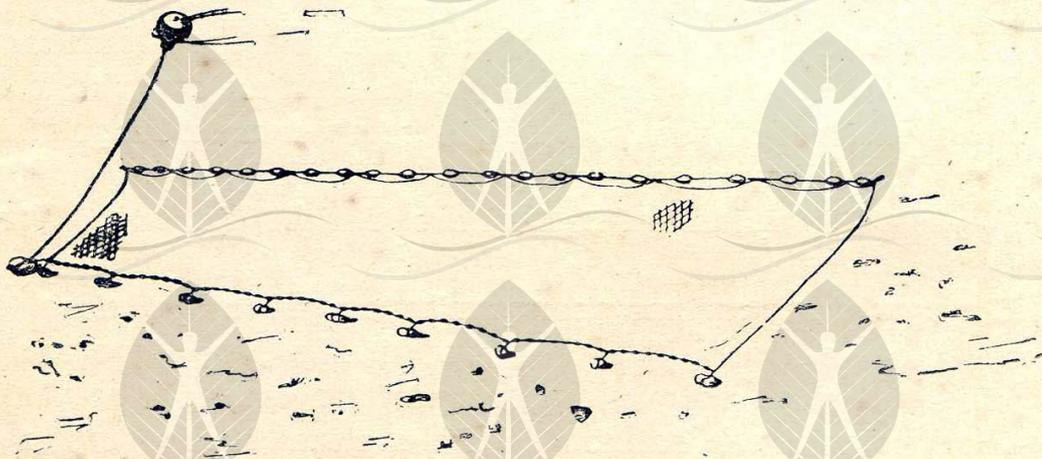
Desenho n.º 9.



COMO APANHAR CARDUMES MIGRATÓRIOS EM LAGO ABERTO (2)

Desenho n.º 10

Para peixe grande do fundo, em correnteza branda, deve-se dar mais pêso à linha de bóias, prendendo-se em todo o seu comprimento um cabo de algodão mais forte, de sorte que a linha de bóias só sustente meia rêde e a outra parte permaneça no fundo. Experimenta-se primeira na água clara que



A PESCA COM RÊDE DE LEITO EM CORRENTEZA BRANDA

porção de rêde é afundada. Entretanto, o cabo e a rêde já devem estar molhados por algumas horas. Nesta técnica, o peixe não é apanhado pelas guelras, porém, se embrulha quando tenta passar por sob a rêde. Portanto, uma rêde de malhas pequenas pode ser utilizada para peixe grande.

Esta técnica é difícil e exige muita experiência.

Desenho n.º 11



A PESCA COM MEIA RÊDE NO FUNDO. MENOR QUANTIDADE DE BOIAS OU LINHA DE ALGODÃO ADICIONAL PARA AFUNDAR A LINHA DE BOIA

Na correnteza forte, usamos as malhadeiras mais como rêdes de flutuação, especialmente para cardumes que transitam próximos à superfície (piracema).

Para fazer rêdes de flutuação precisamos acrescentar bóias à linha de flutuação, de sorte que a rêde fique pendente totalmente à flor d'água, e, a fim de se obter uma longa rêde, prendem-se várias peças juntas.

A rêde é lançada na corrente e flutua de leve, água abaixo.

Uma ou duas canoas acompanham a rêde, próximo da extremidade, a fim de dirigí-la. A rêde não deve ficar muito longe da margem, porque o peixe prefere, o mais das vezes, transitar pelas áreas calmas do rio e evita lutar contra a correnteza mais forte.

Desenho n.º 12

(PAGINA 18)

Cardumes de peixe que descem a correnteza podem ser também cercados, trabalhãdo-se rápida e silenciosamente, correnteza abaixo. Contra a correnteza, a rêde oferece muita resistênciã e é difícil de ser manejada.

A técnica não é fácil e, muitas vezes, tira-se melhor pro-
veito jogando-se a rêde flutuante uns cem metros adiante do
cardume, bem através da correnteza, deixando-se que flutúe
vagarosamente, água abaixo, esperando-se que o peixe alcance
a rêde.

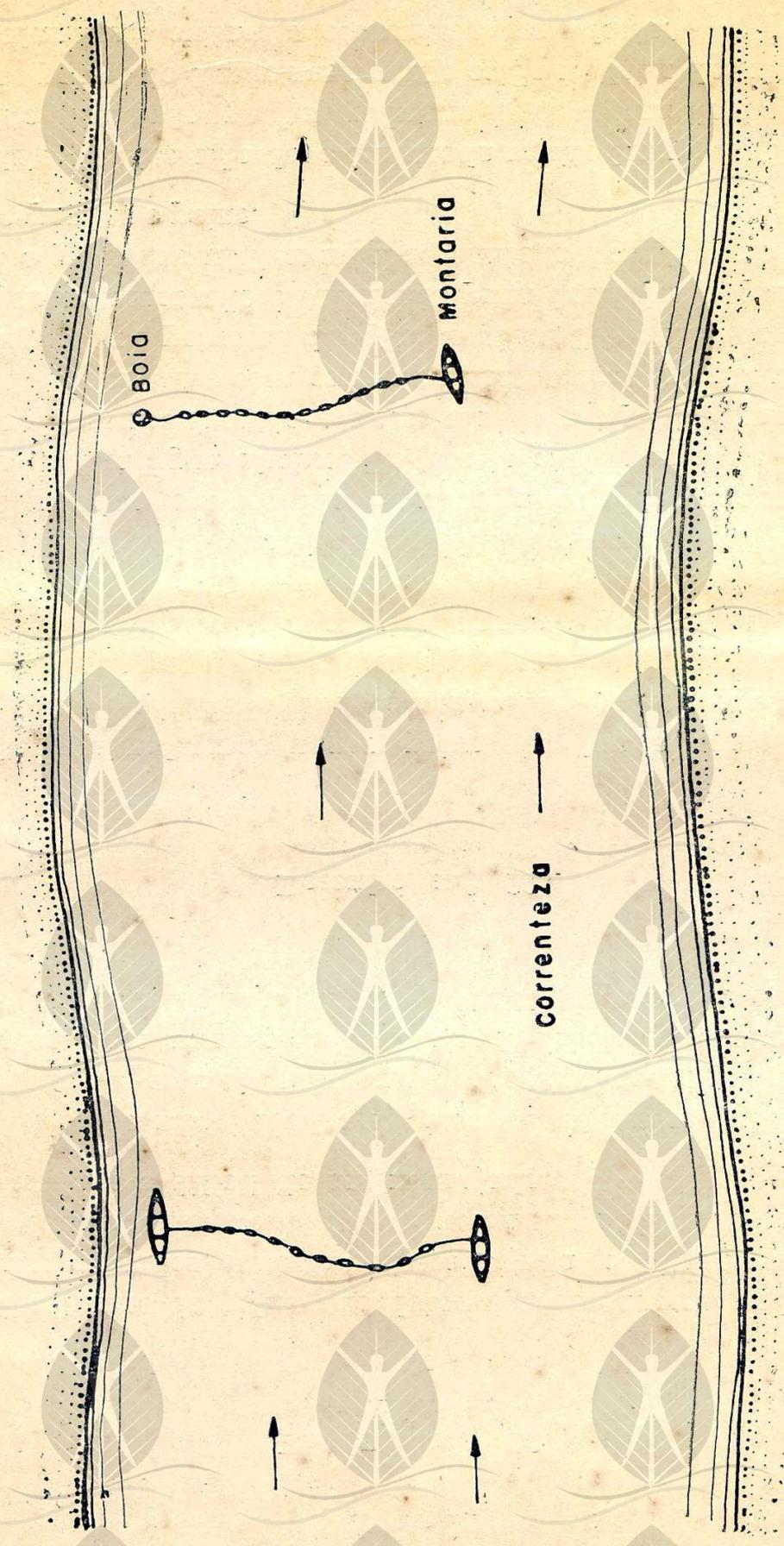
Desenho n.º 13

(PAGINA 19)

Se pretendermos pegar peixe do fundo, em corren-
teza forte, a malhadeira deve ser usada na direção da cor-
renteza. Será âncorada no fundo pela parte superior, e aberta
com uma vara. A vara é provida, numa extremidade, de uma
pedra pesada, e pode também ter uma pequena bóia na outra
ponta, de maneira que fique de pé. Arremessa-se, primeiro, a
pedra pesada; em seguida, a vara e a rêde, enquanto a
canoa desliza água abaixo. Enquanto a rêde está na espera,
as canoas se movimentam entre a rêde e a praia, fazendo os
pescadores barulho com os remos nas bordas da canoa, a fim
de afugentar o peixe na direção da rêde. O barulho dos remos
na água as vezes não é suficiente para desalojar o peixe. Às
vezes, o pescador utiliza uma corrente, rebocada pelo fundo,
para espantar o peixe.

Esta técnica não deve ser usada muito longe da beira ou
no leito do fundo, porém, próximo às margens do rio. Tam-
bém os peixes do fundo raramente estão no leito dos rios mui-
to profundos e evitam a correnteza mais forte.

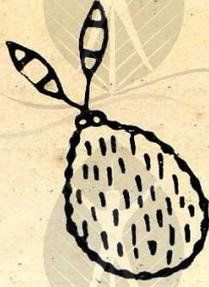
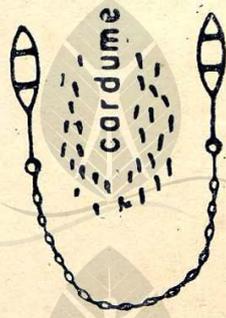
Desenho n.º 12



A PESCA COM RÊDE MALHADEIRA AO SABOR DA CORRENTEZA

Desenho n.º 13

Direção da correnteza e do cardume



1

2

3

CERCANDO UM CARDUME QUE VAI MIGRANDO CORRENTEZA ABAIXO

Desenho n.º 14

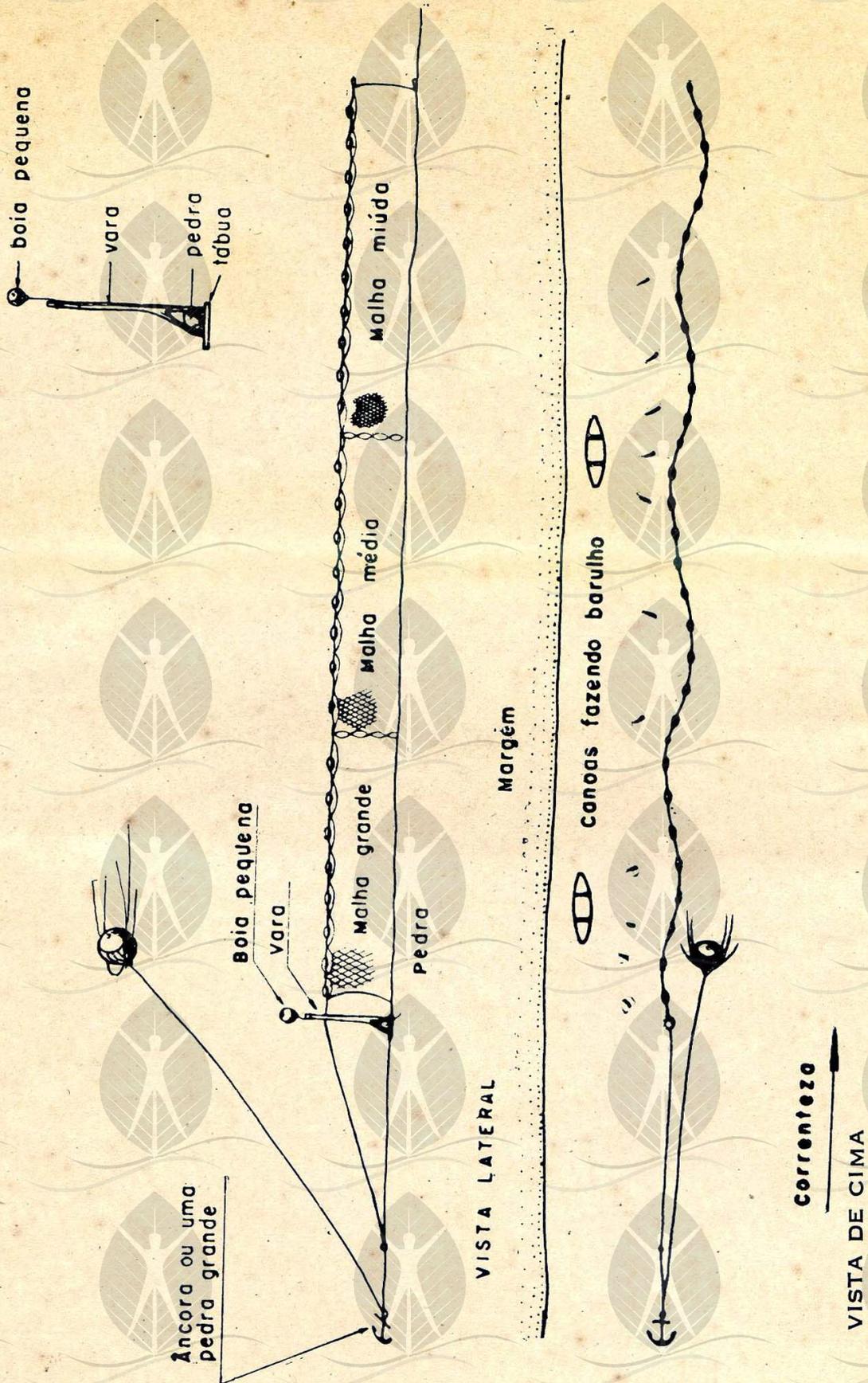
(PÁGINA 21)

As técnicas sugeridas podem ser mudadas ou combinadas, de acôrdo com as condições locais e o comportamento do peixe. Os pescadores têm que estudar o comportamento do peixe em suas migrações diárias e periódicas e devem colocar a rêde no sentido que o peixe tenha de tocá-la.

Se conseguir fazer isto, as rêdes o apanharão em qualquer hipótese.

Estas técnicas também podem ser usadas na costa do mar, na região do Salgado.

Desenho n.º 14



A APANHA DO PEIXE DE FUNDO NA CORRENTEZA FORTE



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA